

23.

IGREJA DE SÃO MIGUEL DE ENTRE- -OS-RIOS



Largo de S. Miguel
Entre-os-Rios, Eja
Penafiel



41° 5' 0.12" N
8° 17' 57.94" O



918 116 488



Dom. 10h30



São Miguel
29 setembro



Monumento Nacional
1927



P. 25



P. 25



x

Visitar a Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios, implantada no final da margem direita do rio Tâmega, e apreciar a paisagem envolvente são excelentes razões para entender quanto a localização de um templo é um notável testemunho de civilização.

Esta Igreja situa-se num importante território da época da Reconquista, que se enquadra na reorganização político-militar conduzida pelo rei Afonso III das Astúrias com o objetivo de criar condições de segurança que permitissem a fixação da população no vale do Douro.

A região do Baixo Tâmega pertencia, nos primórdios da Reconquista, em grande parte, ao território da “civitas” de Anegia. Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, o rio Douro era já nessa época uma importante via fluvial. Este território era ainda atravessado por dois importantes caminhos que ligavam o Norte ao Sul.

A criação do território de Anegia está documentada em cerca de 870, sendo do mesmo período das presúrias de Portucale (868) e de Coimbra (878). No âmbito destas presúrias, foram escolhidos pontos estratégicos nos quais se criaram fortalezas e se estabeleceram os “comites”, representantes dos reis asturo-leoneses, de forma a garan-



tir a segurança e a fixação das populações em áreas fronteiriças, sempre ameaçadas pelas razias muçulmanas.

O território da “civitas” de Anegia corresponde a um corredor natural, orientado a noroeste-sudeste e definido a oriente pelo Marão e Montemuro, a sul pelo maciço da serra da Freita e a ocidente por uma cumeada que na Idade Média era designada de Serra Sicca. Esta barreira natural era fortificada sobre o rio Douro pelo Monte do Castelo, em Broalhos, e pelo Alto do Castelo, em Medas (Gondomar). Sobre o rio Sousa dominava o Castelo de Aguiar de Sousa (Paredes) (p. 84), tomado por Almançor em 995, e sobre o rio Ferreira o Alto do Castelo, em Campo (Valongo). Entre os inícios e os meados do século XI regista-se uma fragmentação do território com origem tanto no abrandamento das razias muçulmanas, como na pressão social exercida pelas famílias de infanções, desejosas de uma maior repartição de

poderes militares, administrativos e judiciais, o que conduziu à divisão do território numa série de “terras”, cada uma encabeçada por um castelo. São estas poderosas razões que conferiam à região uma importante posição estratégica, sendo dominada por uma das mais notabilizadas famílias portugalenses, os Ribadouro.

A primeira referência documental à Igreja de São Miguel é mencionada no *Livro de Testamentos de Paço de Sousa*. O documento, que datará de 1095, refere uma doação de parte da Igreja àquele Mosteiro (Penafiel) (p. 90).

À escolha do orago São Miguel não deve ter sido alheio o ambiente da Reconquista e da reorganização do território. Eram muito cultuados e evocados, nesta época, os santos guerreiros e triunfantes, como o arcanjo São Miguel, chefe do Exército Celeste. Contudo, a atual Igreja não corresponde a uma época tão tardia. Terá sido alvo de uma reforma que data do século XIV.





É um exemplar que se insere no “românico de resistência”, característica que tanto marca outras igrejas românicas da área do Baixo Tâmega. Neste templo foram empregues soluções do “gótico rural” - como é visível no tipo de decoração vegetalista, tanto do arco cruzeiro como do portal norte - concomitantemente com soluções construtivas próprias da época românica. Os portais não apresentam colunas nem tímpanos e os arcos são sistematicamente quebrados. A Igreja não tem capitéis e o recurso às impostas como suporte para os arcos, assim como o uso de elementos decorativos de folhagens geometrizadas e feitas a bisel, como é o caso das folhas de videira tão frequentes no românico tardio, são outros aspetos que situam esta Igreja numa cronologia próxima da época gótica, embora a persistência das formas românicas esteja aqui presente. A planta segue o esquema habitual de nave única e cabeceira retangulares. A cabeceira original foi alongada, no âmbito das reformas do espaço litúrgico ocorridas durante o século XVIII, e também alteada, uma vez que, por norma, as cabeceiras medievais são mais baixas do que a nave. Aliás, como o arco cruzeiro original foi mantido, a cabeceira apresenta-se muito

reservada relativamente à nave, criando uma espacialidade peculiar que o magnífico retábulo-mor mais enfatiza.

A Igreja é construída em blocos de granito aparelhado, em fiadas pseudo-isódomas. Chama-se a atenção para o curioso facto de os blocos de granito desta Igreja não conterem siglas na sua quase totalidade, já que é habitual, em edifícios da mesma época, uma maior presença de marcas de canteiro e de marcas de posição. Apenas uma sigla de um canteiro foi encontrada, num dos blocos do muro da fachada principal.

A fachada principal apresenta um portal muito simplificado, rematado por arco apontado e assente em impostas. Todo o remate superior da fachada é feito em empena com cruz no vértice, e está coroado nos flancos por dois pináculos do século XVIII.

Nesta empena estaria o campanário medieval, como demonstram as marcas da corda ou corrente de tocar o sino, visível sobre o portal principal. As fachadas laterais apresentam uma sequência de cachorros que sustentam o lacrimal do telhado e que, pelo seu formato, grande dimensão e ausência de escultura, anunciam um modo de construir tardio, sugerindo contudo recordações do estilo românico.

O portal norte, em arco quebrado, recebeu uma decoração mais rica do que o portal principal, estando enquadrado por arquivolta decorada com motivos em ponta de diamante e folhas de oito pétalas geometrizadas e feitas a bisel, em semelhança com o arco cruzeiro do interior da Igreja, elementos que o enquadram no românico tardio e no gótico regional.

O interior da Igreja apresenta uma nave com cobertura de madeira, separada da cabeceira por arco cruzeiro de vão quebrado, que dá acesso à capela-mor, assente em imposta, sem colunas, e decorado com elementos vegetalistas.

Na parede norte da capela-mor subsiste um arcosólio do tempo da Igreja medieval, destinado a abrigar um túmulo, o qual foi parcialmente cortado pela im-

plantação de uma porta, na campanha de obras da Época Moderna. No interior há outros elementos que acusam intervenções datadas dos séculos XVII, XVIII e XIX, como os altares, o púlpito e os vãos de iluminação.

A campanha de restauro da Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios teve início no ano de 1936. Inicialmente, o projeto previa obras de maior dimensão que não foram concretizadas. As obras de restauro incluíram a reparação de coberturas, a limpeza de rebocos, a substituição de janelas e de frestas, o lajeamento de pavimentos, a redução da capela-mor com deslocação do altar-mor, o entaipamento de uma porta, o desentapamento de frestas e a demolição do campanário e da escada de acesso.



ARQUITETURA ROMÂNICA TARDIA

Esta Igreja, também conhecida por Igreja de São Miguel de Eja, faz parte de um vasto grupo de exemplares de peculiar arquitetura românica tardia que pontuam a paisagem da bacia do Baixo Tâmega, como as Igrejas de Abrugão (p. 152), de Boelhe (p. 156) e de Cabeça Santa (p. 159), em Penafiel, de Santo Isidoro (p. 173), de Tabuado (p. 188), de Vila Boa de Quires (p. 168), de Sobretâmega (p. 176), de São Nicolau (p. 179) e de Vila Boa do Bispo (p. 163), no Marco de Canaveses.